



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 49

Assinaturas

AVEIRO—Um anno, 18200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 28500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

A PROPOSITO

Lia-se n'um dos ultimos numeros da *Illustration*:

«Parece que uma das características da transformação dos costumes do Japão é o *indifferentismo* em materia religiosa. N'uma communicacão que acaba de fazer á sociedade de ethnographia sobre o *Sintaismo*—religião official do Japão—nota o sr. Carlos Favart que só nos campos existem ainda verdadeiros adeptos das crencas primitivas dos antepassados. O *Sintaismo*, ou culto dos genios, não existiria mesmo já talvez, se essa religião nacional não se ligasse intimamente á questão politica do direito do Mikado ao governo do imperio. O proprio budhismo se conserva ainda adherentes, em razão das notaveis theorias scientificas e positivas que representa, parece condemnado a desaparecer como religião, passando a ser cultivado só como philosophia. As praticas formalistas dos seus bonzos cahem por toda a parte em descrédito e provocariam agora nos indigenas mais sorrisos de mofa e de escarneo do que actos de fé.»

Portanto, o fanatismo coincidindo em toda a parte com a decadencia, e o indifferentismo religioso com o progresso das nações.

O protestantismo, menos estúpido e mais liberal do que o catholicismo, acompanhando as nações mais progressivas e fortes da Europa. A grande corrente livre-pensadora e anti-clerical da França tornando esta nação a mais civilisada e adeantada das nações da raça latina.

O mesmo movimento na Italia, onde a reacção patriótica e uma grande propaganda philosophica e livre tem creado uma grande opinião de hostilidade ao clericalismo, abrindo largos horizontes a esse povo, que se prepara para caminhar resolutamente para deante. E o indifferentismo religioso no Japão coincidindo com os extraordinarios progressos d'esse paiz, que em menos de cem annos tem realisado a transformação mais extraordinaria de que ha memoria no mundo.

Em opposição, a China estacionaria, barbara, incapaz de progresso e de civilisação pelo profundo fanatismo que a enleia; Marrocos, onde se encerram as tradições d'essa grande e memoravel civilisação arabe; a Turquia, a Hespanha, Portugal, todos os povos onde o sentimento religioso predomina ainda, indicando abertamente quanto a influencia e predominancia d'esse sentimento é contrario á cultura, á civilisação, ao progresso da humanidade.

Só não vê isto quem não quer. Basta attentar nos factos e acon-

tecimentos que se passam e que se dão em volta de nós.

Comtudo, ha quem persista em não olhar e vér.

Já é teimosia.

OS NOTARIOS

Falla-se que o governo vae modificar a reforma do notariado, restabelecendo os antigos escriptores nas suas funcções.

Não faltarão já sustos, mas d'aqui até lá ainda ha de haver muito que ver.

Consta que visitará brevemente esta cidade o sr. João Franco, indo hospedar-se em casa do sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

Escriptorios de obras publicas

O decreto de 28 de dezembro do anno findo acabou com os amanuenses de 3.ª, 2.ª e 1.ª classe que ficaram sendo escriptorios de 2.ª e 1.ª classe, devendo estes vencer mensalmente réis 25\$000 de cathogoria e 5\$000 réis de exercicio, e aquelles sómente 25\$000 réis.

Em virtude, porém, de uma circular expedida do ministerio, estes empregados continuaram a receber como se tal determinação legal não existisse, ao passo que a outros, contemplados com augmento de vencimento pela reforma d'obras publicas, se pagavam os novos ordenados.

A esta desigualdade condemnavel que feria os interesses dos menos remunerados, acaba o novo ministro d'obras publicas de pôr termo, ordenando que sejam abonados aos escriptorios os vencimentos que o alludido decreto estipula.

Veio fixar residencia n'esta cidade, o nosso amigo sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura, conceituado clinico.

Junta da Barra

Reuniu na passada sexta-feira a Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria d'Aveiro sob a presidencia do sr. governador civil, dando posse de engenheiro director das obras a seu cargo ao sr. Joaquim da Silva Carvalho que para este serviço havia sido nomeado por despacho ministerial de 7 de junho ultimo.

Incommodo

Tem passado bastante incommodado o sr. Albino Dias Ladeira de Castro, digno professor de allemão no nosso lyceu.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Passelo fluvial

Consta-nos que a Direcção do R. Artístico promove para breve um passeio fluvial em que tomarão parte as familias de todos os socios que para este divertimento se inscreverem.

«A» Voz Publica,

O jornal do Porto «Voz Publica», republicano, publicando uma correspondencia de Aveiro sobre o nosso julgamento, dizia, em 12 de julho corrente, que a nossa causa não tinha *justiça nem interesse* e que *a poucos era sympathica*.

Pondo de parte o correspondente, que nem conhecemos nem procuramos conhecer, porque bem se vé que não tem imputação, intimamos os redactores da «Voz Publica» a declarar-nos onde está a falta de justiça d'um periodico, que o ministerio publico querelou, por defender a liberdade de pensamento, em resposta ás injurias dirigidas pelo jornal «Novidades» aos republicanos e livres pensadores portugueses.

Se a «Voz Publica» se dissesse um jornal reaccionario, não tinhamos direito algum a dirigilhe intimações e nem sequer a fazer-lhe perguntas sobre tal assumpto. Mas dizendo-se a «Voz Publica» republicano, partidario da liberdade, temos não só o direito, como a obrigação, de o intimar a responder-nos.

Seria muito que a «Voz Publica» se calasse sobre o julgamento d'um collega seu, arrastado aos tribunaes por defender a democracia e em resposta a um orgão da côrte que a atacava e offendia. E' demasiado, é ultrajante mesmo que o referido jornal nos viesse arremessar lama pela nossa attitudo de intransigencia e de independencia em face da reacção.

Responda:

Onde está a falta de justiça d'um periodico querelado pelo ministerio publico por defender a liberdade contra a reacção?

Pois um juiz, que nunca foi republicano, absolve-nos, pois os outros dois juizes não chegam a accordo, sendo ambos nossos inimigos, e um d'elles inimigo figadal, e a «Voz Publica», jornal republicano, annuncia aos seus leitores que a causa do «Povo de Aveiro» não era *justa nem tinha interesse*?

Não tinha interesse, hein, cavalheiros? Um pobre semanario de provincia é arrastado aos tribunaes por defender a democracia, gasta um dinheirão que sahe do bolso dos seus redactores, porque não pôde sahir dos lucros do periodico, que os não tem, e ainda em cima se lhe diz com desdem que a sua causa não tem interesse, não é assim?

E' essa a fraternidade republicana, cavalheiros da «Voz Publica»?

E' essa a liberdade redemptora da republica, illustres collegas?

Vamos lá, cavalheiros, elucidae-nos.

Porque é que nós não temos justiça? Porque é que a nossa causa não tem interesse?

Respondei, porque não será a vossa falta de resposta que nos fará calar.

Respondei, e, conforme o que disserdes, nós diremos tambem.

A poeira das ruas

Referindo-se á propagação da tuberculose o dr. Sousa Rofoios condemnna, n'uma carta publicada no n.º 560 da *Resistencia*, o habito de varrer as ruas sem prévia irrigação, deixando, por este facto levantar livremente a poeira, o que, sob todos os pontos de vista, é profundamente anti-hygienico.

A este proposito pergunta alguem se não será conveniente prohibir ás damas o uso de *caudas* que, como as vassouras municipaes, levantam egualmente a poeira, facilitando assim a transmissão dos microbios.

Talvez, mas como agora a moda não é de *caudas*, não nos parece que a pergunta tenha cabimento.

Contra a *tysica*, o melhor remedio que agora ha, são os aphorismos da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Experimentem, que são peitoraes.

Transmittem de Constantinopla que o palacio de Osman pachá foi destruido em parte por um incendio.

Parece que o fogo foi lançado por uma odalisca, que carecia aproveitar-se da confusão para roubar um cofre com joias de grande valor e fugir.

Feira dos 25

Na proxima quinta-feira realisa-se n'esta cidade a importante feira mensal dos 25.

E' provavel que este mez affluam bastantes compradores e vendedores.

NOVO MEDICO

Terminou os seus estudos, com muita distincção, na Escola Medico-Cirurgica do Porto, o nosso amigo sr. Abilio Gonçalves Marques, d'Oliveirinha.

O novo medico abriu consultorio na sua terra, e estamos certos de que não lhe faltará uma numerosa clientella.

Tres hespanhoes e dois portugueses que em Valença de Alcantara andavam negociando notas falsas de 2:5000 réis, foram presos, sendo-lhes apprehendidas 1:000 exemplares das mesmas notas.

Professores dos lycens

Foi determinado que no proximo anno lectivo os professores dos lycens só possam prestar serviço nos estabelecimentos a que pertençam.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos o fasciculo n.º 17 dos «Mysterios da Inquisição».

Tambem recebemos um excellente livrinho, com o titulo—«Conto Pedagogico, por Frederico Froebec, o que agradecemos.

Cartas d'Algures

19 DE JULHO.

Meu amigo.

Recebi as suas cartas, a que começarei hoje respondendo.

Lembra-se v. do monstro ter arroubado a porta da capellinha da praça da fructa e de ter quebrado a cabeça a todos os santos que estavam lá dentro?

Lembra-se v. do *Povo de Aveiro* ter censurado então, asperamente, essa repugnante bestialidade?

Lembra-se v. do monstro ter ourinado no Senhor Morto, em vespera da procissão do Senhor dos Passos?

Lembra-se v. do *Povo de Aveiro* ter vergastado o ignobil garoto por ter descido a esta gaite abjecta?

E o *Povo de Aveiro* nunca morreu d'amores por santos nem nunca quebrou lanças pelo Senhor Morto.

Nunca e nunca. O que só serve para reforçar a sua affirmacão de que nunca eu fui solidario, nem ninguem do *Povo de Aveiro*, nas infamias d'esse monstro.

Nunca.

Como toleravamos nós ainda uma certa privança com a féra? Por um sentimento de fraqueza misturado com um sentimento de gratidão e de justiça. A féra dizia-se nosso amigo. E esta coisa de repellir á má cara um amigo sincero, sem elle nos dar motivo algum para essa repulsão, custa, embora esse amigo seja um bandido. Seria muito bom n'uma sociedade forte e justa. N'esta sociedade de pelintras e de criminosos, em que vivemos, onde a honra é já uma coisa muito contingente, muito relativa, muito restricta, repellir um bandido, que se nos diz dedicado, não é um acto de grande justiça, não é um exemplo moralizador, é uma ingratitude.

A tal baixeza nós chegámos!

Além d'isso, a féra tinha prestado, como v. já disse, serviços attendiveis ao nascente grupo republicano, e isso prendia-nos bastante. Mas d'ahi até o defender dos seus crimes, até calar, mesmo, completamente esses crimes, ia um abysmo. Nunca, que isto então é que seria infamia. Essa infamia, que está sendo commetida por meia duzia de bandalhos d'essa terra! Bandalhos que são movidos apenas, em tamanha degradação e baixeza, pelo odio a uma familia!

Nunca. Não sou Catão, nem pretendo sel-o. Mas no meio deprimente em que vivemos ainda ha limites para as benevolencias, para as fraquezas, para as branduras de costumes, para as tran-

sigências deploráveis, limites a que já se chega á custa da honra e da justiça, permite-se tanto, mas além dos quaes não passa aquelle que esta sociedade ainda denomina um homem de bem.

A penna, que está traçando estas linhas, tem sido violenta, mesmo excessivamente violenta ás vezes, mas sempre justa no fundo. Reparae bem, e encontrareis sempre, debaixo das suas violencias, um cunho forte de moralidade e de justiça.

N'esta orientação, obedecendo a este criterio, jámais ella deixou de louvar os maiores inimigos, e de censurar os maiores amigos, quando esse louvor ou essa censura era imposta por um dever de consciencia e de justiça.

Toleravamos o monstro. Não o repelliámos, por transigencia com a falsa interpretação que esta sociedade dissoluta dá ao dever e por uns restos de contemplação, que se nos afigurava mesmo justa e que, sob o ponto de vista individual, o era, na verdade. Mas nem deixámos de o aconsellar, de lhe censurar vivamente em particular os actos criminosos, como de condemnar estes em publico, quando essa condemnação se tornou indispensavel. Isto mesmo quando elle offendia homens e coisas que não nos eram sympathicas. E é esta a maior razão que possuímos para fulminar os miseráveis que vivem agora identificadas com o monstro e que fazem causa commum com elle, chegando ás ultimas infamias, simplesmente por odio a uma familia.

Grandissimos miseráveis!

Não nos eram sympathicos os santos, nem nunca morremos d'amores pelo Senhor Morto. Nem por isso deixámos de fulminar o garoto que se gntretinha a quebrar a cabeça d'aquelles e a urinar em cima d'este.

Eram-nos antipathicas, por mais do que um titulo, varias das pessoas que possuíam casas ás quaes o garoto ia de noite quebrar as vidraças. Pois lá está vivamente condemnada essa infame garotice no *Povo de Aveiro*.

E nós bem sabíamos quem era o auctor de todas essas proezas!

Todos os assignantes antigos do *Povo de Aveiro* conhecem as censuras, algumas vezes bem asperas, feitas por este periodico ás brejeirices que ali ficam referidas. Mas, sendo preciso, citaremos todos os numeros onde essas censuras foram publicadas.

Isto além d'aquillo que v., meu amigo, disse já, isto é, além da attitude do *Povo* na questão

da roubalheira do animalinho de quatro pés que faz, depois de morto, as delicias de meia humanidade, e além da recusa permanente á publicação, no mesmo *Povo*, das catilnarias rancorosas do dito monstro contra varios.

Mantivemos sempre esta conducta recta em relação ao grande mariola, não obstante entretermos com elle algumas relações pelos serviços prestados ao grupo politico a que pertenciamos e pela amizade pessoal que se dizia existir d'elle para conosco, amizade que parecia, realmente, sincera. Hoje, que se vê bem quanto essa amizade era falsa, hoje, que o mariola aggride infamemente pessoas alheias aos seus desastres commerciaes, todas as contemplações acabaram e ninguém será de parecer que não estejamos livres para proceder á vontade.

Não tem o mariola desculpa nenhuma em não ter fiscalizado os seus interesses na sociedade commercial mantida com F. Não o fez porque é um mandrião, porque é um parasita, com odio ao trabalho, incapaz d'outra coisa que não seja o vicio e a infamia. Se elle perdeu, tambem F. perdeu, porque ficou sem cinco réis e nós não admittimos a nenhum parasita que ponha o valor dinheiro acima do valor trabalho. Se elle tivesse perdido e o outro houvesse ganho, o caso seria diferente. F. procedeu sempre com boas intenções. Procurou sempre salvar-se. Foi d'especulação em especulação, foi d'esperança em esperança, como todos os negociantes a quem os negocios correm mal, como todos os jogadores, cegos pela ancia da desforra. Mas faltou-lhe a capacidade e a sorte.

Sim, faltou-lhe a sorte e faltou-lhe tambem a capacidade. Não a tinha e J. tinha obrigação de vêr isso. Se quer usufruir as rendas do seu capital sem trabalho nenhum, soffra-lhe as consequencias. Alguma differença havia de haver entre os ricos inteligentes e trabalhadores e os ricos estúpidos e mandriões. A differença é esta. E' o mandrião correr muito mais riscos do que o intelligente. A F. faltava-lhe, sobretudo, capacidade administrativa e dirigente. Todos os seus erros, precipitações e tolices vieram d'isto.

Mas está, por tal motivo, plenamente justificado? Não. Andou mal. Andou muito mal. Não tem desculpa, principalmente, em não ter tido a força d'animo precisa para liquidar mais cedo. Devia ter reconhecido ha muito que não

podia continuar na lucta desigual em que vinha.

Se as censuras de J. incidissem n'este ponto, J., apesar de tudo, tinha razão.

Mas sahir d'ahi para accusações manifestamente falsas, mas arrastar para a pendencia pessoas completamente estranhas a ella, é d'um grande infame, é a quinta essencia d'aquelle monstro que iremos vagarosamente definindo.

Sim, o typo genuino do criminoso nato. Sim, o monstro sem mistura.

Ora veremos.

A. B.

TROVOADAS

De terça para quarta-feira sentiu-se n'esta cidade uma formidavel trovoadá, acompanhada de quando em quando de grandes bategas d'agua, que vieram animar a agricultura que se achava n'um estado desanimador.

Rigor de Guilherme II

Os jornaes allemães contam a seguinte anecdota, em que o imperador da Allemanha desempenha o papel de tyranno:

«N'outro dia, ás seis horas da manhã, Guilherme II chegou inopinadamente—segundo o costume ao quartel do 1.º regimento de dragões reaes, de guarnição em Berlim. Os esquadões, já em columna de marcha, estavam promptos a partir, com os officiaes no seu logar; só faltava o coronel.

«O imperador deu ordem para sobrestar na partida até que chegasse o commandante do regimento. Este saiu dos seus aposentos no fim de meia hora, e, quando viu o soberano esperando-o muito tranquillo no meio da parada, quiz correr para elle para lhe apresentar os seus respeitos e pedir-lhe desculpa. Mas o imperador, sem dizer palavra, fez-lhe signal para tomar o commando do regimento e pôr-se a caminho para o campo.

«Durante o exercicio, a que assistiu até o fim, o imperador não abriu a bocca. Depois, sempre sem dar palavra, saiu do campo e voltou a Berlim, deixando o desgraçado coronel presa do mais vivo terror, convencido de que a sua promoção estava para sempre comprometida.

«Momentos antes do jantar, um correio batia á porta da casa do coronel e entregava á sua ordenanga da parte do imperador, um pequeno embrulho destinado ao 1.º regimento dos dragões reaes. A tremor, da cabeça aos pés, o coronel começou a desembulhar o mysterioso pacote de sua magestade... Era um despertador.»

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

— Cão de judeu! exclamou Athelstane, cuja memoria era a dos espiritos pequeninos, que ajuntam ninharias de toda a especie, e particularmente offensas insignificantes,—já te não lembras da maneira como escarneceste de nós no palanque no dia do torneio? Combate ou foge, ou compõe-te com os *outlaws*, conforme tiveres na vontade, mas não esperes de nós auxilio ou companhia. Se esses *outlaws* não roubassem senão a gente como tu, que roubas todo o mundo, pela minha parte tel-os-hia por homens honestos.

Cedric não concordou com a severa opinião do seu companheiro.

— Fariamos melhor, disse elle, em deixar-lhes dois dos nossos homens com dois cavallos para os conduzirem á povoação mais proxima. Isso pouco diminuiria as nos-

A NOSSA QUERELA

Opulão da Imprensa

Da Folha do Povo:

Na passada semana foi, perante o juizo da comarca de Aveiro, responder por suppostas offensas á religião do Estado, o editor do independente e anti-clerical semanario, *Povo de Aveiro*.

O juizo era collectivo, como determina a odiosa lei progressista contra a imprensa.

A delosa, confiada ao sr. dr. Affonso Costa, digno deputado republicano pelo Porto, provou cabalmente não haver delicto, já por faltas processaes já pela propria analyse do artigo incriminado. Tratava-se d'uma these sociologica, na qual se provava á face da historia a intolerancia e mais defeitos da egreja catholica, além das demasias do clericalismo.

E é curioso o resultado do julgamento: o juiz presidente, apesar de empenhado na condemnação do arguido, segundo voz geral, não conseguiu arrastar consigo uniformemente os dois prestantes magistrados, dando em resultado ter de haver novo julgamento.

Saudamos o collega e confrade pela victoria moral já alcançada, emquanto a definitiva não vier, imposta pela opinião publica, e equidade e independencia dos novos julgadores.

Do Nove de Julho:

Este nosso presado collega e correligionario, foi querelado pelo bispo-conde de Coimbra por pretendidas offensas á religião do estado. Ora o artigo querelado era todo doutrinario, em pleno direito de critica e apreciação; não havia motivo para processo, mas a reacção que quer deitar as mãos de fóra entendeu perseguir aquelle valente periodico democratico.

O tribunal era collectivo, os juizes não accordaram na decisão, appellando-se para a comarca de Vagos para o julgamento.

Foi patrono do reu que é o editor do mesmo jornal, o illustre deputado republicano, sr. dr. Affonso Costa do Porto, que proferiu um brilhante discurso na defesa do seu cliente.

Sentimos não ser logo absolvido o nosso bem conceituado collega, como era de justiça: mas é provavel que em Vagos os juizes sejam unanimes na sua absolvição.

O collega está mal informado.

Em nome da verdade cumpre-nos declarar que o sr. Bispo-Conde, antigo e permanente assignante do *Povo de Aveiro* não só não querelou o nosso jornal, como nem sequer foi ouvido sobre se sim ou não o artigo incriminado continha offensas á religião do Estado.

Os nossos perseguidores é que, no entanto, julgaram de ver ser mais papistas do que o proprio papa, e, por isso, arrogando-se uma auctoridade que toda a gente de bom senso lhes nega, proferiram o inquisitorial *anathema sit* e chamaram-nos a contas.

Tambem não diz bem quan-

tas forças; e com a vossa boa espada, nobre Athelstane, e a ajuda do resto da nossa gente será para nós facil tarefa fazer frente a vinte d'esses vagabundos.

Rewena, um pouco assustada com a noticia de estarem perto d'elles numerosos *outlaws*, apoiou calorosamente a proposta do seu tutor. Então Rebecca, deixando subitamente a sua attitude desanimada, e abrindo caminho por entre os servos até ao palafrem da bella saxonica, curvou um joelho e, conforme o costume dos orientaes quando se dirigem aos seus superiores, beijou a fimbria do vestido de Rowena; depois, levantando se e puxando o véo para traz, supplicou-lhe, pelo santo nome de Deus que ambas adoravam e pela revelação da Lei no monte Sinai, em que ambas acreditavam, que

do se refere á appellação, porque, da sentença que manda sujeitar o processo a julgamento na comarca de Vagos, appellou o nosso illustre advogado para a Relação do Porto.

Não obstante o Pinto mandou já o processo para ambas estas partes, e agora veremos o que sae d'esta trapalhada.

Da Vitalidade:

Realizou-se na terça-feira o julgamento do editor do *Povo de Aveiro*, por abuso de liberdade de imprensa. Foi a primeira vez que em Aveiro se reuniram trez juizes para se decidir sobre um pleito d'esta ordem. Eram estes os srs. dr. Pinto, juiz da comarca, o conservador dr. Antonio Carlos da Silva Mello, e 2.º substituto Francisco Regalla. O 1.º substituto deu-se por impedido.

Foi defensor do reu o sr. dr. Affonso Costa, distincto lente da Universidade, deputado pelo Porto e talento d'élite, affirmando exhuberantemente na cathedra, no foro e no parlamento. O illustre patrono do reu apresentou uma lucida e engenhosa contestação á promoção do digno agente do M. P., affirmando que o processo estava inteiramente nullo por se terem preterido formalidades essenciaes, querendo que o artigo do jornal, incriminado de offensivo para a religião do estado, fosse primeiro processado pelo ordinario da Diocese como ordena a portaria de 1852, que citou; e quando não fosse annullado, devia o reu ser absolvido e mandado em paz, porque o referido artigo era apenas uma synthese de trabalhos scientificos sobre o assumpto.

Interrogado o reu, e ouvidas as testemunhas, foi concedida a palavra ao illustre cathedratico que foi ouvido com muito agrado por um numero concurso de individuos de todas as classes que haviam acudido ao tribunal pela fama, e bem justa, do nome do insigne causidico.

Recolhidos os julgadores á sala do jury, trez horas depois leu o sr. dr. Pinto os considerandos que terminavam por dizer que não tendo podido haver dois votos conformes, ia o processo ser enviado á comarca mais proxima (Vagos), para ali ser dada a sentença.

O sr. dr. Affonso Costa, que mandou escrever os depreimentos, appellou d'este *aliás venerando accordam*, para a Relação do Porto.

O sr. dr. Affonso Costa que no mesmo dia retirou para Coimbra, foi hospede do sr. dr. Jayme Duarte Silva.

Da Batalha:

Realizou-se terça-feira ultima em Aveiro o julgamento do editor do nosso illustrado collega *Povo de Aveiro*, que ha tempos fóra querelado por umas suppostas offensas á religião.

Foi defensor o nosso eminente correligionario dr. Affonso Costa, que proferiu um discurso formidavel.

O tribunal, que era collectivo, ficou por tal forma atarantado com os argumentos do illustre advogado que, apesar de conferenciar durante tres horas, não chegou a um accordo, deliberando transferir a causa para o tribunal de Vagos.

O dr. Affonso Costa, em nome do seu constituinte, appellou para o Porto.

tivesse compaixão d'elles e consentisse que viajassem sob a sua protecção. Não é por mim propria que eu imploro este favor, disse Rebecca, nem por este pobre acção. Eu sei que maltratar e roubar gente da nossa raça é uma falta pequena, se não um merito, para os christãos; e que importa que isso se passe n'uma cidade, n'um deserto ou n'um campo? Mas é em nome d'uma pessoa querida de muita gente, querida de vós mesma, que eu vos supplico, é em nome d'uma pessoa doente que eu imploro a vossa protecção: permitti que ella seja transportada com cuidado e ternura. Porque, se lhe acontecesse algum mal, os ultimos momentos da vossa vida seriam amargurados pelo remorso de terdes repellido a minha supplica.

O ar nobre e solemns com que

(48)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XIX

Quando, passado o paroxismo do terror, recuperou o sangue frio, Isaac d'York (porque era o nosso velho amigo) pôde finalmente explicar-se. Havia contractado em Ashby uma escolta de seis homens, assim como as mulas necessarias para transportarem a liteira de um amigo doente. Esses homens tinham-se encarregado de o escoltarem até Doncaster. Haviam caminhado até alli sem novidade; mas,

tendo sido informados por um rachador de lenha de que um grande bando de *outlaws* se achava emboscado na floresta, os mercenarios contractados por elle haviam deitado a fugir, levando consigo as cavalgaduras que transportavam a liteira e deixando o judeu e sua filha sem meios alguns para se defenderem ou voltarem para traz, expostos a serem roubados e provavelmente assassinados pelos bandidos, que de um momento para o outro iam cabir sobre elles.—Se apraz a vossas senhorias, accrescentou Isaac em tom de profunda humildade, permittirem que os pobres judeus viajem sob a sua protecção, eu juro pelas taboas da lei que nunca favor algum concedido a um filho de Israel desde a epoca do nosso captivo foi recebido com mais reconhecimento.

VELHAS SOLTAS

A ALMA DO LOBO

Ahi para os lados do Rheno, em tempos que já não voltam, os burgomestres de uma cidade muito conhecida, mas que por agora não nomearei, quiz-ram edificar uma igreja. Metteram mãos á obra, e a cousa ia ás mil maravilhas.

Cavaram os alicerces, levantaram as paredes, começaram o travejamento, e, durante seis mezes, ouviu-se em toda a cidade uma bulha de martellos, serras e machados, que mettia medo.

Mas no fim dos seis mezes, e quando os burgomestres menos o esperavam acabou-se o dinheiro. Nesta conjunctura apellou-se para a generosidade dos peregrinos. Collocou-se uma bandeja de estanho á porta da igreja; mas a colheita foi escassa, porque no fim de muitos dias apenas se encontraram na bandeja uns tristes e solitarios cobres.

Que se havia de fazer n'um caso d'estes?

O senado reuniu-se, procurou, discursou, opinou, apresentou alvitres. Os operarios não estavam pelos autos, e as herbas e os cardos, a hera e todas as insolentes plantas das ruinas começavam a instalar-se nas pedras novas do edificio abandonado. Havia de deixar-se a igreja em tal estado? O illustre senado dos burgomestres estava no auge da consternação.

Quando elle estava deliberando entra um quidam, um estrangeiro, um desconhecido, de estatura elevada e de magnifica presença.

— Bons dias, burguezes. De que se trata? Parece que estão afflicto! E a questão da igreja, não é verdade? Pelo que vejo não pôl-m acabar a construcção. Ouvi dizer que lhes faltava o dinheiro!

— Viajante, disse o senado, vá para o diabo! Precisamos de um milhão d'ouro.

— Aqui o tem, disse o recém-chegado, e, abrindo uma janella, mostrou aos burgomestres um grande carro parado no meio da praça, em frente da casa da camara; dez juntas de bois atrelados ao carro, eram guardadas por vinte negros d'Africa armados até aos dentes.

Um dos burgomestres desceu com o estrangeiro, pegou ao acaso em um dos saccos do carro e voltou á sala do senado com elle e com o desconhecido. Despejado o sacco em presença do senado, viu-se que estava cheio de ouro.

O senado abriu uns olhos por ahi além e disse ao estrangeiro: — Mas quem é o senhor?

— Meus pobres amigos, eu sou aquelle que tem dinheiro. Que mais lhes é preciso? Moro na Floresta Negra, perto do lago de Wildsee, não longe das ruinas de Hidenstadt, a cidade dos pagãos. Sou senhor de minas de ouro e de prata e á noite o meu diverti-

mento favorito é enterrar as mãos em montes de diamantes. Mas no fim de contas tenho gostos muito simples, enfastio-me, sou um ser melancolico, passo os dias entretido a ver brincar o tritão sobre a transparencia da agua e a ver passar por entre as rochas o polygono amphibio. Ora agora, basta de perguntas e de rodeios. Mostrei-lhes o que podia; aproveitem-se. Aqui está o seu milhão de ouro. Querem, ou não querem?

— Se queremos! disse o senado. De certo. Acabaremos a nossa igreja.

— Pois então ahi o tem; mas com uma condição.

— Qual é, meu senhor?

— Acabem a sua igreja, burguezes; ahi lhes fica toda essa metralha; mas promettem-me em troca a primeira alma, seja qual fór que entrar na igreja e que lhe transpозer o limiar no dia em que os sinos e os carrilhões annunciarem a consagração d'ella.

— O senhor é o diabo! exclamou o senado.

— E vocês são tolos, respondeu Urian.

Os burgomestres estremearam, assustaram-se, benz-ram-se. Mas como Urian era um bom diabo e ria a bandeiras despregadas, fazendo soar o seu ouro novo e tão bonito, os homens tranquillizaram-se e o negocio arranjou-se. O diabo tem espirito. E' por isto mesmo que elle é o diabo.

— No fim de contas, dizia elle quem perde n'este negocio sou eu. Vocês ficam com o dinheiro e com a igreja; eu ganho apenas uma alma. E que alma faz-me favor de me dizer? A primeira que por ahi entrar. Uma alma ao acaso. Algum pedaço de asno, algum hypocrita que representará a comedia da devoção, querendo ser o primeiro a entrar, para mostrar um zelo afinal miseravelmente falso. Amigos burguezes, a sua igreja está bem principiado. Acho os começos magnificos; ha de ser um bello edificio. Vocês tem um architecto muito razoavel. Gosto immenso d'aquella abobada que elle escolheu e vejo que a igreja ha de ficar obra acabada. Como se chama o architecto, amigo?

Dizam-lhe da minha parte que aquella porta do frontispicio é de um estylo bonito. Ha por ahi cousas bem executadas e, realmente, ficar a igreja incompleta seria pena. E' preciso acabal-a. Vamos compadres, o milhão para vocês e a alma para mim. Está dito?

(Continúa)

Victor Hugo.

Tudo nos indica que nós vamos assistir, em breve, a um d'estes definitivos embaralhamentos das variedades humanas em tal magnitude e de tal relevo que, envolvendo, em todo o centro da Europa, todos os povos europeus, quer os que pellejam, quer os que, moralmente, venham a soffrer, no interior, o rocochete do resultado de uma batalha suprema, não tem por assemelhavel senão o grande motim cahotico da invasão dos bar-

baros e da queda do imperio romano do occidente. O tumulto das raças vae ferver na caldeira do destino; a evolução humana entra n'uma das suas crises fundamentais; e a historia recomeça.—Bruno.

Fallecimento

Falleceu na passada segunda-feira o sr. Antonio d'Almeida Sarteleiro, musico da Phylarmónica Aveirense.

No enterro, que saiu na terça-feira da igreja parochial da Vera-Cruz, encorporaram-se as duas phylarmonicas da cidade e grande numero de amigos do finado.

Atrás do feretro iam os srs. Pereira Vianna, Luiz Henriques e padre Jorge de Pinho Vinagre, levando este ultimo a chave do caixão.

Trabalho no mar

Tem-no havido, e com bastante resultado. Ao mercado tem vindo bastante pesca das costas do nosso litoral.

Diabruras d'uma farsa

O nosso collega «A Opinião», de Oliveira d'Azemeis, conta o seguinte:

Na igreja matriz de Nogueira do Cravo cabiu na noite de domingo para segunda-feira uma farsa que quebrou todos os vidros das janellas do côro e igreja; lascou uma pedra do arco cruzeiro; fez um buraco na parede da capella mór, por onde presume que entrou; queimou duas flores dos ramos que decoram o sacario; partiu um castiçal; rachou o pedestal da imagem de S. Christovam; abriu um caixão aonde se guardam as opas, sem as damnificar; e inutilizou a fechadura e rachou a porta d'uma dependencia da mesma igreja.

E fez tudo isto ás escuras, porque se deu ao cuidado de apagar a lampada, que se baloiçava inoffensivamente a meio do templo!...

Nem os templos respeitam, estas damninhas.

No tribunal.

— Finalmente, exclama o presidente, v. foi apanhado a arrombar a caixa forte d'uma casa de credito.

— Senhor juiz, era para satisfazer o desejo da minha defunta mãe que sempre sonhou ver-me entrar n'um banco.

O general de Pelleux

Morreu em Quimper-Corentin o general de brigada do exercito francez de Pelleux. Este official general foi um dos que teve papel mais saliente no processo Dreyfus. Encaregado de proceder a um inquerito sobre a linha de conducta do major Esterhazy, teve mais em vista salvar de responsabilidades o estado maior e Esterhazy do que propriamente

manter-se no seu papel de syndicante e de juiz. A sua acção dubia em toda a questão valeulhe a transferencia para Quimper, onde, parece, os desgostos mais do que a doença, apressaram o desenlace.

O antigo commandante militar do departamento do Sena era alsaciano. Nascera a 6 de setembro de 1842 em Strasburgo e entrara na escola de Saint-Cyr em 1859. Aos dezoito annos era alferes, capitão aos vinte e seis e general de brigada aos cincoenta e dois, em 1894.

O S. THOMÉ

Realisa-se na proxima quarta-feira, em Verdemilho, a festa ao S. Thomé.

De tarde ha arraial e musica. A concorrência de forasteiros d'esta cidade até áquella pittoresca localidade costuma ser grande. E' mais um dia santo forçado.

ESCOLA DISTRICTAL

Continuam os exames do curso do 1.º anno d'esta escola, cujo resultado foi o seguinte:

Alice N. V. Curujo, 14. Adalina P. C. Fontes, 14. Dulce de Jesus e Silva, 15. Ernestina C. da Rocha, 15. Anna M. Correia Saraiva, 12. Ermelinda A. T. Xavier, 13. Julia A. T. Xavier, 10. Maria G. d'Oliveira Marques, 15. Dulce H. Pereira Lemos, 14. Maria A. S. Cunha, 15. Maria da Graça de Jesus, 14. Maria dos Prazeres Vaz, 15. Rachel de Carvalho Estina, 12.

Abilio Filippe T. e Silva, 13. Adriano M. de Mello, 12. Antonio T. dos Santos Lima, 13. David A. D. d'Araujo, 10. David G. d'Oliveira, 13. Joaquim José de Barros, 15. Joaquim Rodrigues das Neves, 16. Manuel da Silva Junior, 10. Manuel da Silva Ramos, 13. Manuel F. Claro d'Almeida, 11 e Pedro Rodrigues dos Santos, 13.

Em Hespanha, n'uma povoação immediata a Batanzas, uma rapariga cuidava d'uns bois e como se deixasse do mir, não se apercebeu de que os animaes entravam em uma propriedade visinha, fazendo importantes estragos.

O proprietrio mandou agarral-os e entregal-os ao dono e este, furioso pelo succedido, despertou a filha ás pauladas, e tan-as lhe deu que a matou.

Desesperado pelo que tinha praticado, correu a casa e annunciou á mulher que acabava de matar a filha e que se ia suicidar; a mulher correu atraz d'elle mas nada conseguiu porque elle atirou-se ao rio, onde morreu.

A pobre mulher que tinha tido dois dias antes uma creança do sexo masculino, quando chegou a casa encontrou-a quasi devorada pelos porcos.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

Um canhão monstro
O «New-York-Herald» conta que o arsenal de Watervilet está construindo um canhão enorme para a defesa das costas, proximo de New-York. Esta bocca de fogo, com 48 centímetros de calibre, terá 17 metros de comprimento e pesará 126 toneladas. O projectil tem de altura 1 metro e 92 e pesa 480 kilos. Os americanos proclamam ser esta a maior peça que tem existido até hoje.

Ha n'este asserto, diz um jornal francez, exggero manifesto. O novo canhão de 48 não tem mais que 35 calibres e não pôde imprimir ao seu projectil velocidade superior a 700 metros por segundo. Ora esta velocidade é relativamente fraca. Os canhões d'uma boa parte dos navios modernos dispõem actualmemente da velocidade de 900 metros.

Em Londres tem feito um calor horrivel. Nos ultimos dias foram atacadas de isolamento mais de trezentas pessoas, das quaes morreram duas.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

ANNUNCIOS

CASA

ARRENDASE ou vende-se uma casa d'um andar na rua do Passeio.

Quem a pretender fale com o seu proprietario, Antonio Henriques dos Santos.

Bicycletas

Domingos Luiz Valente d'Almeida, vende e aluga bicycletas da marca «PEGU».

16—Rua da Corredoura—18

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Previnem os seus amigos e freguezes que brevemente vão estabelecer carreira diaria para a Costa Nova.

Rua da Alfandega

AVEIRO

Rebecca proferiu estas palavras duplicou o seu valor no animo da formosa saxonica.

— Este homem é velho e fraco, disse ella para o seu tutor, a rapariga é nova e bella e o seu amigo está doente e em perigo de vida. Embora sejam judeus, nós não seriamos christãos se os abandonassemos n'esta extremidade. Que descarreguem duas mulas e ponham a bagagem atraz de dois servos. As mulas podem transportar a liteira e podemos ceder dois cavallos ao ancião e sua filha.

Cedrio annuii promptamente a esta proposta e Athelstane só accrescentou por condição que os judeus haviam de ir atraz de todos, donde Wamba, disse elle, pôde acompanhal-os com o seu escudo de presunto.

— En deixei o meu escudo na

arena, respondeu o bobo, como fizeram muitos cavalleiros melhores do que eu.

Athelstane fez-se muito vermelho, porque fôra isso o que lhe acontecera a elle proprio no ultimo dia do torneio: emquanto que Rowena, a quem o dicto agradara na mesma proporção, como para reparar o gracejo brutal do seu descaroavel pretendente, convidou Rebecca a ir ao lado d'ella.

— Isso não me ficaria bem, respondeu Rebecca com altiva humildade, porque a minha companhia podia ser considerada deshonorosa para a minha protectora.

N'este meio tempo fizeram-se rapidamente a mudança da bagagem; bastara a palavra outlaws, que a aproximação do crepusculo tornava ainda mais impressiva, para dar actividade a toda a gente. No

meio d'aquelle reboliço Gurth foi apeado do cavallo e n'essa occasião convenceu o bobo a affrouxar a corda com que lhe tinham amarrado os braços. Wamba, talvez intencionalmente, deixou-a tão desaperçada que o prisioneiro não teve difficuldade em desembaraçar os braços completamente, e então, escapando-se por entre as arvores, desapareceu.

A balburdia fôra consideravel e passara já um certo tempo depois da evasão de Gurth; como elle devia, no resto da jornada, ir atraz de um servo, cada um suppunha que elle ia sob a guarda de qual-quer outro dos seus companheiros, e quando começou a segredar-se entre elles que o porqueiro havia desaparecido, a expectativa em que estavam de um subito ataque dos outlaws occupava-os de tal ma-

neira que não ligaram grande attenção áquella circumstancia.

O caminho que seguiam os viajant-s era agora tão estreito que não podiam caminhar, com alguma commodidade, mais de dois cavalleiros a par, e começava a descer para um pequeno valle, atravessado por um ribeiro cujas margens eram esbarronadas, paludosas e cobertas de salgueiros audes. Cedric e Athelstane, que iam á frente, viram o perigo de um ataque n'aquelle sitio; mas, não tendo nenhum d'elles grande pratica da guerra, não lhes occorreu melhor meio de se livrarem do perigo do que apressarem o passo tanto quanto pudessem. Avançando, pois, sem muita ordem, tinham justamente acabado de atravessar o ribeiro, com uma parte da comitiva, quando foram assaltados ao mesmo tem-

po pela frente, pelos flancos e pela rearguarda com uma tal impetuosidade que, na confusão da travessia e mal preparados como estavam, era impossivel offerecerem uma resistencia efficaaz. Ouviram-se de todos os lados os brados de *Dragão branco! dragão branco!* Soldados pelos assaltantes para serem tomados por outlaws saxonnes, e de todos os lados appareciam individuos com tal rapidez que parecia augmentar-lhes o numero.

Os dois chefes saxonnes foram feitos prisioneiros no mesmo momento e cada um em circumstancias expressivas do seu character.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro BARRA - PHAROL

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE
Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vender.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affançar a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêneas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos